

**FEIRAS DE PRODUTOS REGIONAIS EM MANAUS– AM: uma estratégia de desenvolvimento local e de sustentabilidade para mulheres agricultoras familiares no Amazonas**

**Rosane Marizeti Brum Vargas**, Mestre em Ciências Ambientais e Sustentabilidade da Amazônia (CCA/UFAM) e Advogada OAB/RS. E-mail: rosanebv.adv@gmail.com

**José Nilton Silva Vargas**, Mestre em Aplicações Militares (EsSAO/EB) e Mestrando em Geografia (PPGGeo/UFSM). E-mail: jnvargas@uol.com.br

**Resumo:** A pesquisa desvenda o processo de criação, finalidade, importância e evolução das feiras de produtos regionais em Manaus, organizadas pela ADS, para uma política de desenvolvimento sustentável do Governo do Estado do Amazonas, nas transformações socioeconômicas ocorridas na vida das mulheres agricultoras familiares. Através da abordagem sistêmica e do método etnográfico, o estudo permitiu inferir que as feiras de produtos regionais, vêm mudando a vida de algumas famílias e principalmente das mulheres camponesas. As feiras criaram um espaço aonde o papel da mulher vem sofrendo alterações nas relações sociais e familiares, aumentando a renda e a dignidade, passando a ter reconhecimento. O projeto feiras demonstrou viabilidade, responde aos objetivos de sua criação, traz excelentes resultados quanto ao quesito sustentabilidade, em suas mais variadas dimensões.

**Palavras-chave:** Comercialização, agricultura familiar, políticas públicas, Amazonas.

**Abstract:** The research reveals the process of creation, purpose, importance and evolution of regional products fairs in Manaus, organized by ADS, for a sustainable development policy of the Amazonas State Government in the socio-economic transformations in the lives of women farmers' family. Through the systemic approach and the ethnographic method, the study also has shown that the trade fair of regional products, are changing the lives of some families and especially women farmers. The fairs have created a space where the role of women has undergone changes in social and family relationships, increasing income and dignity , to read recognition. The project fairs demonstrated viability, responds to the objectives of its creation, it brings excellent results as to the question sustainability in its many dimensions.

**Keywords:** Commercialization, family agriculture, public policy, Amazonas.

## 1. Introdução

Segundo Godoy e Anjos (2007, p.364) “as feiras livres são uma tradicional modalidade periódica de comércio varejista, dispersas no espaço e no tempo, cada qual com a sua relevância e magnitude peculiar”. As feiras livres constituem-se de uma intrincada teia de relações que configuram um diversificado conjunto de ocupações, fluxos, mercadorias e relações sociais, caracterizando-se primordialmente como uma atividade de trabalho informal essencialmente familiar. Além disso, evidenciam a fundamental importância para a sociedade, expressando não apenas pontos positivos, mas negativos, sendo estes consequências da diversidade e da dinâmica que tais espaços oferecem.

A população rural do Amazonas, em sua maior parcela é constituída por ribeirinhos, ou seja, pelas chamadas *populações tradicionais*<sup>i</sup> que vivem em ecossistemas de várzea (rios, paranás, lagos, furos, igarapés, etc.) organizados em comunidades. As famílias ribeirinhas desenvolvem suas atividades nas terras, nas florestas e nas águas de trabalho, produzindo valores de uso para sua subsistência e valor de troca para a comercialização, tendo, como objetivo, a obtenção de renda que lhes permite comprar as mercadorias necessárias à sua reprodução social. Contudo, como indicam as pesquisas realizadas, é notória a situação de exclusão em que se encontram muitas famílias ribeirinhas. (WITKOSKI, 2007).

Nas colocações acima, o autor afirma que entre os aspectos que contribuem para a configuração da situação de exclusão, destacam-se a falta de políticas de inclusão social - em suas dimensões econômicas, sociais, políticas e culturais – voltadas para a melhoria da sua qualidade de vida. (2007).

Segundo Abramovay (2002), a agricultura familiar é aquela onde a propriedade, a gestão e a maior parte do trabalho vêm de pessoas que mantêm entre si vínculos de sangue ou de casamento. Afirma que a oposição com a agricultura patronal, onde utiliza trabalhadores contratados, é de natureza social - entre a agricultura que se apoia fundamentalmente na unidade entre gestão e trabalho de família e aquela em que se separam gestão e trabalho. De acordo com o economista, o modelo adotado pelo Brasil, o patronal, e ressalta que os países que mais prosperaram na agricultura foram aqueles nos quais a atividade teve base familiar e não a patronal, enquanto que os países que dissociaram gestão e trabalho tiveram como resultado social uma imensa desigualdade (o caso do Brasil).

Nesse contexto, é que o Governo do Amazonas, através da **ADS** (Agencia de Desenvolvimento Sustentável), numa política pública de inclusão social e sustentabilidade através de parcerias com outras entidades, criou o projeto de feiras de produtos regionais,

onde o camponês produz e vende diretamente ao consumidor o produto de seu trabalho, (sem atravessadores).

O projeto feiras de produtores regionais fruto de parcerias da **ADS** com o **Exército Brasileiro** e Prefeituras diversas do interior do Amazonas, iniciou-se em 2008, com a Feira de Produtos Regionais do CIGS (Centro de Instrução de Guerra na Selva), mais tarde criaram outras feiras regionais.

Este estudo tem como objetivo desvendar o processo de criação das feiras de produtos regionais em Manaus, sua importância e resultados como uma política pública de sustentabilidade para as mulheres agricultoras do Amazonas. A priori será realizada a contextualização sobre a agricultura familiar no Amazonas, o papel da mulher, a racionalidade econômica e a comercialização, seguido de uma explanação sobre a criação, dinâmica, evolução e importância das feiras de produtos regionais revelando os benefícios socioeconômicos destas.

## 2. Metodologia

### Área de estudo: Feiras do CIGS e do CASSAM (Manaus/AM)

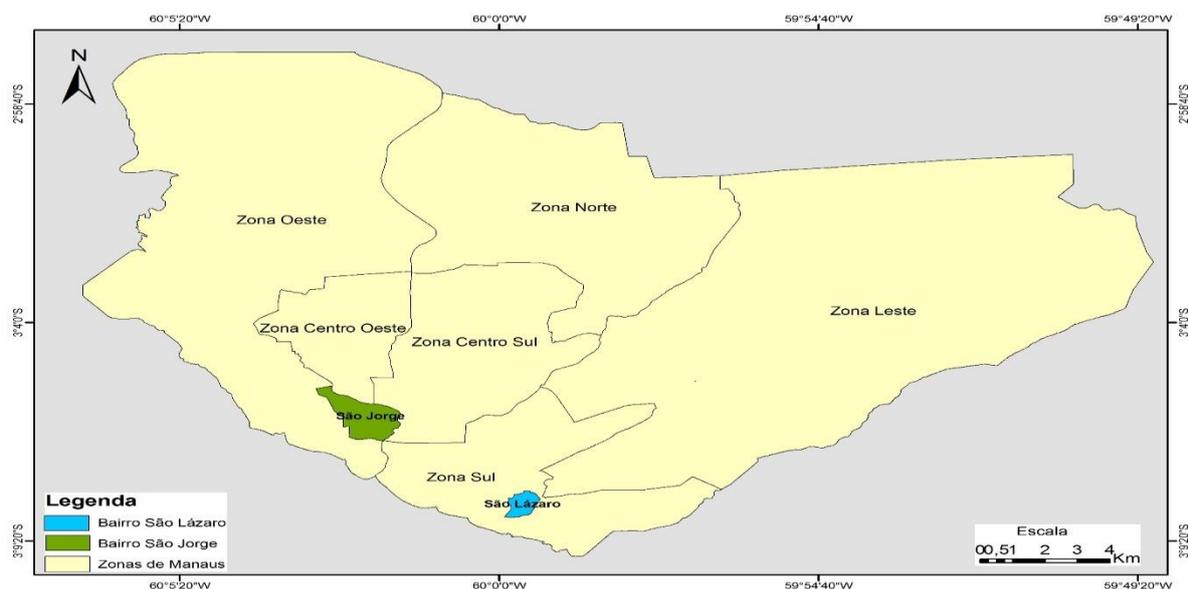


Figura 1 - Mapa cidade de Manaus por Zonas. Fonte: M. Suani. 2015.

Esta pesquisa foi desenvolvida em Manaus/AM, com as mulheres agricultoras familiares feirantes, em dois territórios distintos, **as feiras do CIGS e CASSAM**, ambas em espaço militar, localizadas respectivamente nas zonas Oeste (Bairro São Jorge) e na zona sul (Bairro São Lázaro). A primeira localizada no estacionamento da organização militar (OM)

do Exército Brasileiro (EB), denominada Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), localizado na zona oeste, bairro São Jorge. A segunda feira, no estacionamento do Cassino dos Suboficiais e Sargentos da Aeronáutica de Manaus (CASSAM), situada na zona sul, bairro São Lázaro.

### **O método**

Dado à proposta de se trabalhar com a importância e o reflexo das feiras no aspecto socioeconômico e cultural das pesquisadas, optou-se pelo método etnográfico, que consiste na observação e na análise dos grupos humanos em suas particularidades. Objetivou-se entender e apreender o conhecimento das mudanças a partir de uma investigação concreta e minuciosa dos grupos contextualizados em seu tempo e espaço, a fim de se alcançar as estruturas mais inconscientes do pensamento humano (LÉVI STRAUSS, 1975).

Foi escolhido um público alvo de dez mulheres agricultoras familiares feirantes e acompanhamos as atividades semanais na feira, no quintal e em casa, as práticas alimentares e de trabalho, as reuniões, entre tantas outras atividades.

Para a execução do método etnográfico permeado com a percepção ambiental, e uma abordagem sistêmica, usou-se como instrumentos de coleta de dados, relatórios da ADS, a observação participante com uso do diário de campo, conversas informais com as feirantes, fotografias, questionários e entrevistas abertas, com uma análise qualitativa. Como ferramenta principal, a observação participativa que é o elemento essencial nos estudos etnográficos. Os dados foram coletados nas feiras durante o evento aos sábados e às sextas feiras à noite enquanto se organizavam ou descansavam para a azáfama do dia seguinte. As feirantes foram acompanhadas diretamente pelo período de 21 meses, iniciado em junho de 2013 e concluído em março de 2015. Foi percorrida a trajetória de cada mulher desde sua casa na comunidade rural à feira em Manaus, incluindo visitas às residências e comunidades.

As informações obtidas foram tabuladas e analisadas através de estatística descritiva conforme frequências obtidas dos dados (LIMA, 1994).

## **3. Resultados e discussões**

### **Agricultura Familiar no Amazonas**

De acordo com Silvestro (2001), não existe atividade econômica na qual as relações familiares tenham tanta importância quanto na agricultura. O local da residência geralmente é o local de trabalho. Na agricultura familiar a família é uma unidade indissolúvel de geração de

renda, os filhos e filhas se integram aos processos de trabalho desde muito cedo. Há uma naturalização da divisão do trabalho, baseada no ciclo produtivo e orientada pelo chefe da família, onde filhos e esposa não tem autoridade para contestar ordens.

A Amazônia compõe-se de dois ecossistemas bastante distintos, a **várzea** e a **terra firme**. São nestas paisagens que os agricultores familiares vivem e realizam sua produção.

A Amazônia que numa primeira visão se apresenta geograficamente homogênea, compõe-se na verdade, de dois ambientes naturais bastante diferenciados, que condicionaram formas diferentes de adaptação das sociedades indígenas e, posteriormente, de ocupação pelo colonizador. (FRAXE, 2011: 53)

Quando se estuda os ecossistemas da Amazônia, Fraxe (2011), Noda (2007) afirmam que em torno de 98% da grande planície é constituída por terra firme, normalmente não inundada, com altitudes de dez a cem metros do nível do mar, com espessa floresta tropical cobrindo os solos, em geral de baixa fertilidade. Enquanto 1,5% de toda a planície, estimado em cerca de 65mil km<sup>2</sup> compõe a várzea, que vem a ser a planície aluvional ou o leito maior dos rios e está sujeita a inundações anuais. Ocorre nas duas margens do rio Amazonas e em alguns afluentes e apresenta largura muito variável. A várzea apresenta grande produtividade agrícola, da caça e da pesca podendo sustentar uma população muito mais densa do que a terra firme. O ciclo anual da várzea depende do regime fluvial (cheias, vazante) e a terra firme da alternância de estações secas e chuvosas.

Segundo Noda e Noda (2003 e 2007), uma das principais características da agricultura familiar na Amazônia é o processo produtivo, basicamente direcionado ao atendimento das necessidades da manutenção e reprodução biológica e social do produtor rural. Ela é praticada em ambientes pouco modificados, que não sofreram, ainda, os impactos negativos do avanço da agropecuária estritamente voltada aos mercados ou das ações de projetos de desenvolvimento de grande porte voltados à exploração dos recursos naturais. Sua produção é diversificada que, além de permitir uma oferta constante, ampla e variada de alimentos para o autoconsumo, proporciona maior estabilidade ao sistema produtivo, pois o suprimento das necessidades básicas em alimentos da família independe da comercialização do "excedente". As crises do mercado podem afetar o núcleo produtivo, mas não inviabilizam sua sobrevivência.

Lá em casa dona, tem de tudo, fome nós não passamos, não. As vezes pode faltar o dinheiro. É, mais agora com a Feira não falta, não, sempre tem um dinheirinho pra comprar alguma coisinha na cidade. Lá tem de tudo, tem fruta, tem cupu [cupuaçu], tem mamão, goiaba... tem farinha, tem o peixe o ano todo... (Entrevista, 2014).

Pelo depoimento acima se verifica que o agricultor familiar do Amazonas, está perfeitamente adaptado ao ambiente, tendo como prover em qualquer época a alimentação básica à sobrevivência de sua família.

### **A mulher na agricultura familiar do Amazonas**

A mulher camponesa<sup>ii</sup>, de acordo com Fraxe (2011), vive, em seu cotidiano uma jornada de trabalho intensa: ela é mãe, doméstica, agricultora, pescadora e extratora. Nas unidades domésticas das famílias camponesas, na participação da mão de obra familiar, ainda está presente a divisão do trabalho por gênero: O Homem cuida da produção, da roça (capina, lavoura, pesca, extração, etc), e a mulher cuida das tarefas do lar (casa, filhos, preparar alimentos, galinhas, horta e demais tarefas do entorno da casa). Isto está socialmente posto e imposto e varia no tempo. A grande maioria das famílias camponesas no Amazonas ainda é representada pelo sistema patriarcal. Onde quem administra a divisão do trabalho é o patriarca.

Mesmo a mulher camponesa, exercendo, de forma intensa, múltiplas atividades no sistema agroflorestal, é a família como um todo, incluindo os agregados, a maior responsável pela execução das atividades planejadas e conseqüentemente pela produção. Segue o modelo da agricultura familiar.

A família é o núcleo central e determinante dos cultivos e produção na agricultura familiar em todo o Amazonas. As mulheres participam ativamente de todo o processo, desde o plantio, capina, até colheita e comercialização dos produtos. As crianças a partir de 08 a 10 anos de idade já auxiliam diretamente nas atividades de produção, nas lidas da casa e cuidado dos irmãos menores, sendo considerada força produtiva.

As unidades familiares de produção reconhecem as atividades como trabalho, enquanto o trabalho feminino, doméstico ou não (auxílio na lavoura, pesca, etc.), assim como o dos filhos é considerado “ajuda”, mesmo nas situações onde os trabalhos destes se dão através de tarefas equivalentes ou iguais as dos homens. As mulheres participam ativamente, em graus maiores ou menores, dependendo da comunidade, de todo o sistema de produção, desde as decisões sobre o que produzir, do plantio até a comercialização final.

Bourdieu (1992) assinala que o homem credita à mulher a maior parte dos serviços da casa: o transporte da água, da lenha, a preparação da comida, a lavagem de roupa. A CASA continua a ser o espaço controlado pela mulher. Mas os depoimentos das mulheres camponesas amazônicas revelam que elas têm também uma rotina intensa de trabalho na lavoura:

Eu acordo às 5 horas, faço café pro marido que já vai pra roça, daí acordo os meus filhos dou café. Aí o catraieiro passa pra levar as crianças pra escola. As vezes quando tem muito trabalho, época de colher, eles não vão na escola, não, vão pra roça ajudar. As 7h30 já tô na roça. Volto às 11h pra fazer o almoço, dou para as crianças, arrumo as coisas e volto pra roça; às 5 e pouco já tô de volta pra fazer a janta, depois vejo um pouco de televisão e vô dormir. (Entrevista, Manacapuru, 2014).

As mulheres pesquisadas em sua maioria descendem de famílias de agricultores familiares, cresceram fazendo parte dessas unidades ou passaram a pertencer a categoria pelos laços do casamento. E todas se identificam como mulheres agricultoras. No desenrolar das conversas com as mulheres pesquisadas, observamos que elas se apresentam com uma identidade étnica bem definida e assumida, uma vez que 100% delas se assumem como agricultoras e evocam adjetivos que reafirmam essa auto identificação.

Eu sou agricultora, antes eu tinha vergonha de dizer que era agricultora, agente era pobre, não tinha nada. Hoje, eu tenho o maior orgulho de dizer que eu sou agricultora. Que eu planto e colho com as minhas próprias mãos, tenho prazer de trabalhar e trazer produto de qualidade pra feira. (Entrevista, Rio Preto da Eva/AM. 2014).

A mulher agricultora que vende na feira participa em todas as etapas da produção até a comercialização final, inclusive durante o transporte dos produtos.

### **A racionalidade econômica camponesa**

O camponês amazônico é a personificação da forma de produção simples de mercadorias. Segundo Fraxe (2011) nesse tipo de produção ele detém a propriedade da terra, da água e dos instrumentos de trabalho com os quais desenvolve suas atividades. Tavares (1984) *apud* Fraxe (2011), afirma que essa combinação de elementos faz com que o camponês se apresente no mercado como vendedor dos produtos de seu trabalho e como produtor direto de mercadorias.

A produção camponesa realiza os ciclos mercadoria-mercadoria e mercadoria – dinheiro - mercadoria, os agentes articulam o mundo rural com o mundo urbano. Embora se verifique, aqui, a presença do dinheiro a troca se caracteriza, por uma economia mercantil de troca simples.

A racionalidade econômica camponesa se manifesta na produção simples de mercadorias (produtor direto e vendedor – troca simples) e na realização de ciclos ‘mercadoria-mercadoria’ e ‘mercadoria-dinheiro-mercadoria’. (Fig. 2).

A seguir o fluxograma do Sistema dos fatores de produção e comercialização na agricultura de várzea.

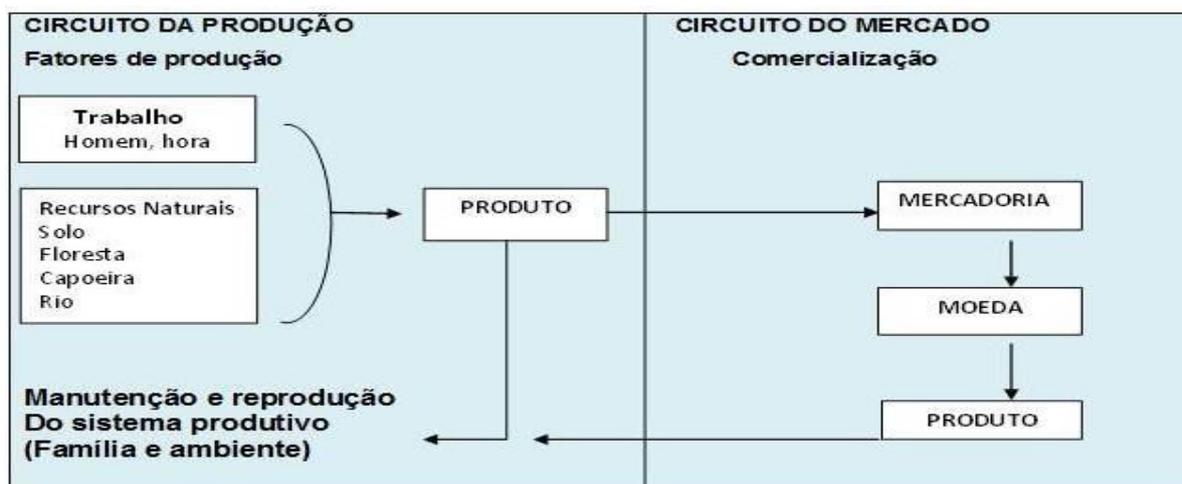


Figura. 2 :Fatores envolvidos no processo produtivo na agricultura da várzea do rio Amazonas-Solimões (adaptado de Noda 2007).

Nas comunidades camponesas, de acordo com Noda (2007), verifica-se de forma complementar e simultânea, a combinação de duas atividades econômicas: produção de meios de vida e a produção de mercadorias. Atividades essas operadas diretamente pela família, a unidade de produção é a família. Conforme Noda (2009), a predominância das hortaliças convencionais talvez seja a característica mais marcante dos atuais sistemas agrícolas de várzea e terra firme, cerca de dez espécies, sendo que esta produção está voltada principalmente para o abastecimento dos mercados urbanos.

### **Circulação e comercialização da produção**

O sistema de comercialização se estabelece a partir de relações de contato com os centros urbanos e as grandes cidades localizadas próximas das áreas de produção. O mercado local está organizado através das relações estabelecidas para reter e selecionar o excedente produzido nas sociedades locais. Na circulação e comercialização da produção camponesa, ocorre uma apropriação dos excedentes produzidos por um conjunto de “agentes de comercialização” marreteiro, marreteiro-feirante, regatão e patrão. Segundo Noda (2007), estes agentes são genericamente denominados de intermediários, e encontram-se em diferentes locais, sendo os principais nas beiras dos rios nas moradias dos produtores, os portos, as feiras e mercados e em constante movimento em suas embarcações fluviais. Nessa relação camponês-intermediário, está representada a subordinação do camponês à vontade do capital comercial. A inexistência de políticas agrícolas e agrária, voltadas ao campesinato na Amazônia, a produção de excedentes pelo sobre trabalho familiar em ambiente favorável e frugalidade na maneira de viver dos agricultores familiares, favorece o aparecimento desses agentes de comercialização. (FRAXE, 2011).

Alguns produtores, quando possível, conseguem vender seus produtos diretamente para os consumidores urbanos nas áreas próximas aos mercados e feiras. A venda efetivada diretamente é mais vantajosa aos produtores, mas ainda diminuta, sendo difícil de ocorrer durante todo o ano, pois o tempo necessário de permanência no local de comercialização, a distância e a disponibilidade de transportes, provoca custos adicionais com despesas de estadia e alimentação. Terminando o comerciante local como o comprador mais importante, seguido de barco de linha e de outros atravessadores.

Atualmente, esta situação vem mudando. Algumas Prefeituras Municipais intervêm e influenciam na comercialização dos produtos, ao participarem da organização da comercialização nos mercados e feiras de produtores. Como acontece nessa parceria com a ADS, na tentativa de incentivar e valorizar o produtor rural, na efetivação da sustentabilidade. Ocorre nesta situação a comercialização direta do produtor ao consumidor, sendo mais vantajosa ao produtor, pois os preços são melhores e com recebimento à vista.

Antes da feira, o atravessador ia no sítio, pagava pouco, pagava o que ele queria, levava a produção e só pagava na volta, se ele tivesse vendido... Não tinha outro jeito, os bagulhos ficavam estragando, então era melhor vender assim mesmo. Não era o preço da feira. (Entrevistada, 2013).

As mulheres e famílias camponesas de Manaus e interior, iniciaram sua participação nas feiras através dos sindicatos e comunidades locais, tendo em comum a busca pela dignidade da família, permanência no campo e autonomia feminina, um outro rumo, uma outra definição para a divisão do trabalho dentro da unidade produtiva, gerar uma renda extra, entre outros.

A pesquisa realizada por Fraxe e Castro (2008), nas comunidades amazônicas revelou a grande participação das mulheres no espaço físico e social, de uma forma mais ou menos expressiva. Mesmo que seu trabalho ainda seja considerado como ajuda, parece que de forma inconsciente inicia-se uma quebra nas estruturas patriarcais herdadas das gerações anteriores, principalmente quando as mulheres passam a exercer atividades que antes não podiam ser realizadas por elas. Este processo ocorre devido à busca de respostas às novas necessidades que surgem no cotidiano.

De acordo com Noda (2007), Fraxe (2011) a aproximação entre áreas de produção e os centros urbanos é um fator de grande importância. Os produtores de localidade mais distantes e com menores alternativas nas condições de acesso aos centros comerciais, tem maiores gastos com o transporte para comercialização, constituindo-se um fator de limitação.

O produtor isolado, ou com dificuldade de acesso aos mercados ou de transporte de sua mercadoria, poderá deixar de vender seus produtos diretamente ao consumidor, e entregar sua produção a um intermediário, por um preço mais baixo. Isso ocorre, pois a estrutura do trabalho do intermediário é a mobilidade (possuidor de um meio de transporte, barco, caminhão), a informação de mercado (contatos relevantes) e o fluxo de caixa e outros recursos que o permitirão encontrar os produtos necessários. Além de possuir dinheiro “na mão”, barganha e convence o produtor a vender ao seu preço.

### **A Importância das Feiras como canal de comercialização da agricultura familiar**

De acordo com estudos do IICA (Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, 2013), as feiras livres são canais de comercialização de produtos da Agricultura Familiar que raramente recebem apoio de políticas públicas específicas ou são objetos de programas de desenvolvimento rural. Para Ribeiro et al (2005), tal fato expõe a invisibilidade econômica das atividades locais sobre feiras, sendo que a maior parte aborda somente os aspectos econômicos e certa marginalização da agricultura familiar. Pois são escassos os estudos sobre feiras, sendo que a maior parte aborda somente os aspectos mercadológicos da atividade.

Nos anos 1990 e 2000 as dificuldades da Agricultura familiar em se estabelecer nos mercados, passaram a estar presente na pauta da formação das políticas públicas, restando duas orientações iniciais, entendidas como alternativas viáveis para a superação das dificuldades na comercialização da produção familiar: o associativismo e o acesso a mercados específicos (RIBEIRO, 2003).

Em Manaus, as feiras de produtores rurais, se tornaram espaços de (re)existência. O trabalho camponês se (re)forma através de seu “pensamento social agrário alternativo” e vem se firmando através de atitudes que comprovam a sua resistência em versatilidade em produzir e resistir, lutando contra toda a forma de dominação e discriminação (GUSMAN E MOLINA, 2005).

Com a feira de Manaus ficou muito melhor, agora a gente vende tudo, vende bem, com preço bom. Antes dava uma tristeza a gente trabalhava, trabalhava e via a produção estragando... ou então tinha que vender pro marreteiro (atravessador) a qualquer preço, o que ele quisesse pagar...às vezes nem recebia. Dava dó. Era triste... (Entrevista, Rio Preto da Eva, 2014).

### **A criação das feiras de produtos regionais**

As feiras de produtos regionais em Manaus são criadas e organizadas pela ADS em parceria com o Exército Brasileiro, SEPROR (secretaria da produção rural) e prefeituras locais. A ADS (Agência de Desenvolvimento Sustentável), empresa pública de direito privado, com autonomia administrativa, criada pela Lei Delegada nº 118 de 18 de maio de 2007, responsável pelo fomento (apoiar e estimular iniciativas) e desenvolvimento sustentável, atua na organização e escoamento da produção oriunda da agricultura familiar e do extrativismo, base da economia do setor primário do Amazonas.

De outra banda, o Exército Brasileiro, representado pelo Comando da 12ª Região Militar com sede em Manaus, que é responsável por toda a logística de suprimento de suas unidades na área da Amazônia Ocidental<sup>iii</sup>, com a intenção de cooperar nas ações voltadas ao desenvolvimento social e econômico da região Norte do país que convergiu em intenções e atitudes com a ADS, formando parcerias para o escoamento e comercialização dos produtos regionais, na aquisição de gêneros alimentícios diretamente dos produtores rurais e organizações de produtores (cooperativas e associações), cadastradas pelo Governo do Estado.

Nesse diapasão, frente às organizações comunitárias e cooperativas de agricultores é que o Governo do Amazonas, através da ADS numa política pública de inclusão social e sustentabilidade, implantou o **projeto de feiras de comercialização de produtos regionais**, onde o camponês produz e vende diretamente ao consumidor o produto de seu trabalho, sem precisar se submeter aos agentes tradicionais de comercialização (marreteiro, regatão, patrão, etc.).

O projeto feiras de produtores regionais iniciou em 2008, com a **Feira de Produtos Regionais do CIGS**, mais tarde as **Feiras da Cidade Nova, da Polícia Militar** e por último, em 2012, a **Feira do CASSAM** ou da Aeronáutica, denominada esta, **de Feira da Economia Feminista e Solidária de Produtos Regionais**. No 2º semestre de 2014, foi implementada a 5ª feira Regional na Vila Buriti, **Feira da Marinha**, localizada na BR 319 – Km 4,5, com previsão de mais uma (6ª) para 2015.

Nessa parceria, para a realização das feiras a ADS cadastra os produtores locais e do interior interessados em vender sua produção, através dos sindicatos e organizações locais, juntamente com seus parceiros disponibilizam aos produtores o apoio logístico (transporte dos produtos em caminhão baú e dos feirantes em ônibus para aqueles que não disponham de transporte próprio) e a infraestrutura completa como tendas, mesas, cadeiras e caixas para exposição dos produtos. Organiza o espaço cedido, além de fornecer aos feirantes a pesquisa de preço.

### A estrutura da Feira

Toda a estrutura física das Feiras Regionais do CIGS e CASSAM está a cargo da ADS, que providencia pavilhão modular de metal com cobertura de lona, tendo os boxes compostos por cadeiras e mesas de plástico pvc branco na primeira, e pallets de plástico azul com cadeiras pvc brancas na segunda, montados em cada local em sábados alternados. Sendo os espaços físicos cedidos respectivamente os estacionamentos do CIGS (Exército) e CASSAM (Aeronáutica). Cada feirante dispõe no máximo de duas mesas para seu box. O que muitas vezes se apresenta bastante diminuto à quantidade de hortifrúti trazidos para a feira. A ADS disponibiliza aos feirantes aventais e bonés para o trabalho na feira, de cor verde para a Feira do CIGS e de cor azul para o CASSAM.

A ADS mantém um administrador das feiras com presença constante no local em dias de lide, mantendo a organização, fiscalização e atendendo demandas, além de fornecer antes do início dos trabalhos uma pesquisa dos preços médios dos produtos, efetuada no dia anterior na Feira da Manaus Moderna, para balizamento dos preços a serem aplicados pelos feirantes.

Ambos os locais dispõem de sanitários, energia elétrica, e um espaço para lanches regionais, este disponibilizados por feirantes, além de ambulância de plantão e estacionamento controlado pela polícia do exército, oferecendo segurança e conforto aos consumidores e produtores.

### A participação por gênero

Observou-se em todas as feiras estudadas que a participação feminina é muito superior à masculina. O que confere o cadastro de feirantes fornecido pela entidade organizadora das feiras (ADS).

Tabela 1: Feiras de produtos Regionais do CIGS e CASSAM, feirantes cadastrados (2013). Manaus/AM.  
Fonte: ADS

<b>GÊNERO</b>	<b>F. CIGS</b>	<b>% CIGS</b>	<b>F. CASSAM</b>	<b>% CASSAM</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Homem</b>	<b>21</b>	<b>29,16</b>	<b>14</b>	<b>21,21</b>	<b>35</b>
<b>Mulher</b>	<b>51</b>	<b>70,83</b>	<b>52</b>	<b>78,78</b>	<b>103</b>
<b>TOTAL</b>	<b>72</b>	<b>100</b>	<b>66</b>	<b>100</b>	<b>138</b>

Ainda, conforme dados da tabela 1, na feira do CIGS 71% dos feirantes são mulheres e 29% são homens. Enquanto na Feira do CASSAM 78,78%, quase um percentual de 80% de

mulheres para 21% de homens. No percentual total das duas feiras, 75% dos participantes são mulheres, mesmo que algumas acompanhadas de seu marido e filhos são elas que dirigem a banca e coordenam as vendas.

As mulheres se inserem melhor nesse tipo de mercado, demonstram maior interesse e dedicação, veem como uma oportunidade de entrar no mercado de trabalho sem grandes exigências de qualificação. Elas encontram neste tipo de trabalho um nicho de mercado. Isso é demonstrado na percepção de uma feirante sobre a participação das mulheres:

A mulher é mais determinada, de atitude, trabalha muito, tem mais responsabilidade e sabe vender melhor que o homem. Se comunica mais. (Entrevistada, CIGS, 2013).

A mulher vem ganhando espaço, se esforça, faz curso, vende mais que os homens. Meu pai é que planta, eu ajudo, mas quem vende na feira sou eu. (Entrevistada, CASSAM 2014).

### Feira de Produtos Regionais do CIGS (2008-2015)

Projeto integrante da parceria **ADS** e Exército Brasileiro, primeira das feiras regionais, realizada quinzenalmente, no estacionamento externo do **CIGS** (Centro de Instrução de Guerra na Selva), no Bairro São Jorge, Avenida São Jorge, a partir das 06h da manhã até às 12h.

Ano após ano, desde a sua criação a feira de produtos regionais do CIGS tem demonstrado uma evolução positiva de público, vendas de produtos e aprimoramento dos feirantes no atendimento ao consumidor bem como na oferta de produtos cada vez mais variados.

Tabela 2 – Dados Gerais da Feira do CIGS realizadas em Manaus/AM 2008-2013. Fonte ADS

Resultados obtidos	Total 2008 21ed.	Total 2009 25ed.	Total 2010 25ed.	Total 2011 24ed.	Total 2012 25ed	Total 2013 18ed	Total 2008 a 2013	Média 2008 a 2013
Recursos movimentados (R\$)	1.597.778	2.140.479	2.766.334	3.002.640	2.607.116	1.969.739	14.084.086	102.059
Produtos comercializados (Kg)	334.583	495.096	660.499	698.090	584.742	458.658	3.231.658	23.418
Público visitante (nº)	52.888	64.004	82.829	73.905	62.127	46.069	381.822	2.767
Cooperativa e assoc. participantes	58	61	81	83	88	90	90	78

Nos resultados obtidos na feira do CIGS desde sua criação em 2008 até final de 2013, observa-se na última coluna da tabela 2, a média por cada edição da feira, dos resultados obtidos no período de cinco anos (2008 a 2013). Onde foram movimentados recursos de R\$ 102.059,00, com a participação média de 78 cadastrados e um público visitante de 2.767 pessoas. (Tab. 2).

Tabela 3 - Ganho médio por família beneficiada 2008-2012(R\$). Feira do CIGS, Manaus/AM. Fonte ADS

<b>Quinzenal</b>	<b>Mensal</b>	<b>Anual</b>
704,20	1.408,34	16.864,32

A tabela 3, refere-se ao ganho médio (bruto) por família beneficiada na feira do CIGS, isto é, são os valores para quem comercializa apenas em uma feira, a cada quinzena, portanto em duas vezes ao mês. Entretanto nas entrevistas verificou-se que apenas uma minoria (menos de 20%) comercializa somente em uma feira. Constatou-se que a maioria comercializa em duas ou mais feiras. Portanto, esse ganho é duplicado.

Constata-se nas feiras a participação, em sua maioria de produtores de municípios vizinhos de Manaus. Justifica-se, pela proximidade geográfica, e apoio na logística e transporte.

### **Percepção das agricultoras-feirantes sobre os benefícios socioeconômicos da feira**

Constatou-se que muitas mulheres e até mesmo famílias que são feirantes do CIGS, também vendem seus produtos em edições alternadas em outras feiras de produtos regionais, aumentando o escoamento e comercialização de sua produção e ampliando sua renda.

A feira de produtos regionais como espaço de negócios é uma importante ferramenta para as mulheres camponesas comercializarem seus produtos diretamente ao consumidor, eliminando assim o atravessador. Planejar suas ações e participação na feira, mantendo sua produção e reprodução, escolhendo os produtos a serem comercializados, é também uma forma de organização em Movimentos, não só para obter renda, mas também de se opor ao modelo de comércio imposto e demonstrar (fortalecer) sua autonomia camponesa. Isso se torna bem visível nas entrevistas com algumas mulheres camponesas feirantes, onde estas demonstram sua satisfação em ter independência financeira e autoestima elevada pela realização e resultados da feira.

Essa feira pra mim significa muita coisa. Hoje eu tenho prazer em trabalhar. Hoje eu sinto orgulho de trabalhar, tenho disposição em produzir e trazer produto de qualidade com preço bom. Conhecer pessoas diferentes. Foi uma

mudança, uma melhoria, ajudou a pagar as contas, a sair de casa. Antes eu vivia muito triste, só em casa, trabalhando, trabalhando... aquele tédio... vendo a produção estragar... era muito triste. (Entrevista, 60a, 20.07.13)

As camponesas feirantes relatam em entrevistas, que o mais importante para elas é o “aumento da renda”, a oportunidade de saírem de casa e conviverem com outras pessoas. Entendem por renda a simples transformação da mercadoria em dinheiro. Essa renda tem por objetivo principal a manutenção da família, em sua reprodução simples, como manter os filhos na escola e comprar produtos que não produzem, como os industrializados (café, açúcar, vestuários, querosene, etc.). Os gastos referentes a compras para a casa, roupas, calçados e materiais escolares são feitos com a “renda da feira”. Mostram satisfação em poder participar do orçamento familiar, como seguem os depoimentos:

É pra casa, é pra família, é pra casa, no início tá assim, as vezes pode aumentar a renda e pode fazer uma outra coisa, mas é pra nós aqui mesmo, é pra despesa, calçado, roupa pra eles (os filhos e marido), tá tudo aqui. Tá bom pra todo mundo. Tá o que precisa, aí a feira termina, a gente já vai no supermercado faz uma comprinha, vem embora. Coisa pra escola, uma roupa, é tudo tirado da feira. (Entrevistada, set.13).

Com a venda direta ao consumidor, aprimora-se a estratégia utilizada pelas feirantes camponesas em valorizar seus produtos, pois agregam valor e ainda mantêm uma relação social com o centro urbano, obtendo uma melhor renda quando comparados a preços e dificuldades de comercialização anteriores a feira, além do rendimento financeiro, o que proporciona uma satisfação maior ainda, é de não ser explorada por atravessadores, e de outro lado poder programar as futuras produções, tendo em vista a continuidade da feira.

Quando perguntadas sobre o maior benefício desta feira, as entrevistadas responderam, entre outros, por unanimidade o econômico, “a melhoria da renda”.

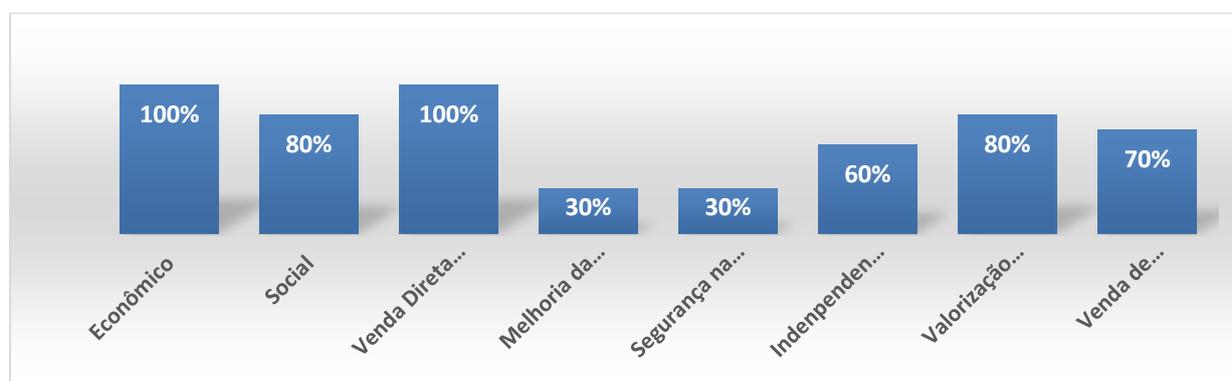


Figura 4 – Percentual de percepção sobre os benefícios da feira de produtos regionais (CIGS e CASSAM). Manaus/AM. Fonte: Pesquisa de campo. R. B. Vargas. 2014

Na Figura 4, acima, as entrevistadas falam no benefício econômico (100%), detalham que a renda da feira ajudou a pagar as dívidas, conseguiu reformar a casa, comprar roupas para a família, coisas para a casa, como tv, eletrodomésticos e tem algumas que conseguiram inclusive comprar carro para o transporte dos produtos. Quanto ao benefício social (80%), relatam que fizeram novas amizades, reencontram os amigos, encontram pessoas diferentes, tem oportunidade de trabalho, se sentem mais alegres. Veem seu trabalho valorizado (80%), como agricultora e como mulher. Outro benefício relevante citado com ênfase em 100% das pesquisadas é a venda direta ao consumidor, ou seja, eliminação dos atravessadores. Ao que segue, venda de todos os produtos (70%), independência financeira (60%), segurança na renda (30%) e até mesmo melhoria da saúde (30%). (Fig.4).

Algumas argumentam que com a renda da feira, periódica e pouco variável, hoje já é possível planejar uma compra ou fazer um investimento na propriedade.

Hoje, eu sei que a feira é certa, tem uma renda certa, a gente sempre tem um dinheirinho guardado e até já pode pensar em fazer um investimento na propriedade ou uma compra maior à prazo. Eu estou juntando, para comprar uma camionetinha até o final do ano. Aí posso transportar os meus produtos. (Entrevistada, 2014).

Pelos depoimentos tanto das feirantes como dos consumidores vê-se a importância da feira para as mulheres camponesas e os moradores do bairro. E que a participação das mulheres em espaços públicos, reforça sua autoestima, segurança financeira, legitimando-se como trabalhadoras e donas de seu destino.

### **Evolução das feiras**

De acordo com relatórios da ADS, de 2013, feito um balanço das feiras de produtos regionais desde a criação da primeira até final de 2012 (05 anos), verifica-se uma evolução positiva em todos os itens avaliados, desde recursos movimentados até o número de famílias beneficiadas (produtores e consumidores).

Tabela 4 - Demonstrativo da evolução das Feiras do CIGS e CASSAM e de seus resultados Manaus – AM. Fonte ADS (2013)

Resultados obtidos	CIGS				CASSAM		
	2008	2012	%		2012	2013	%
			5 a.	1 a.			1 ano
Recursos movimentados (R\$)	1.577.778	3.002.640	90	18%	2.420.591	2.541.620	5%
Produtos comercializados(Kg)	334.583	698.090	109	22%	620.689	651.723	5%

Público visitante (n°)	52.888	73.905	40	8%	84.152	88.359	5%
Coop. Assoc. participantes (média)	58	83	43	9%	92	90	- 2,%

Na tabela (tab. 4), demonstrativo da evolução das feiras, disponibilizada pela ADS, observa-se nas colunas de percentuais, que houve um aumento significativo nos quatro itens observados, no CIGS e CASSAM respectivamente, por ano: recursos movimentados 18% e 5%, produtos comercializados 22% e 5%, número de público visitante 8% e 5% e participantes 9% e -2%. Na Feira do CASSAM, houve um decréscimo apenas no último item (-2%), mas sem maiores significações, pois há ocasiões que aumentando a demanda de produtos aumenta a participação.

Os resultados evidenciam que o projeto beneficia famílias, agricultores familiares, consumidores, o comércio local que se expande cada vez mais, atingindo um grande número de público, gerando oportunidade de trabalho e renda aos participantes.

#### 4. Considerações Finais

Pesquisar a dinâmica do mundo interno das feiras de produtos regionais, os ensinamentos, o perfil e a atuação das mulheres rurais é tarefa ainda árdua, visto que são poucas as referências e trabalhos acadêmicos sobre o tema, principalmente quando se trata do Amazonas.

Os dados da pesquisa demonstram a viabilidade das feiras de produtos regionais, como canal de comercialização da agricultura familiar e como instrumento de inclusão social e sustentabilidade ambiental. A feira como espaço de negócios é uma importante ferramenta para os agricultores familiares comercializarem seus produtos diretamente ao consumidor, eliminando assim o atravessador, fortalecendo sua estrutura econômica e autonomia.

Característica marcante observada nas feiras estudadas é a presença da mulher em número muito superior ao dos homens, que assume papel de destaque, participação essa, indicadora de mudanças no papel da mulher na divisão do trabalho na unidade camponesa. Trata-se de uma nova perspectiva para as mulheres que ficavam ocupadas e submetidas aos trabalhos “menos importantes” na unidade familiar, para serem reconhecidas como fundamentais quanto à manutenção econômica da família.

A expansão do mercado capitalista não apenas força o camponês a multiplicar o esforço físico, daí surge a necessidade de reinventar a vida numa adaptação forçada.

Constata-se que os feirantes em geral demonstram uma disciplina bem determinada quanto aos trabalhos na feira, à presença constante (faltar só em situações relevantes, doenças,

etc.), horários, higiene e aparência dos produtos (com frescor), organização da banca e apresentação pessoal (devidamente uniformizados e com asseio), um relacionamento cordial com os consumidores e colegas e satisfação na execução da lida, aumenta o gosto, o prazer em permanecer no campo, diminuindo a migração para a cidade.

Observa-se a importância e a necessidade da implementação de políticas públicas voltadas à agricultura familiar, em especial à mulher agricultora. E, que, a ausência do Estado e dessas políticas, é um dos principais fatores de empobrecimento e miséria do camponês amazônico.

Entende-se, ainda, que a **feira regional** deve ser matéria de reflexão acadêmica e objeto de intervenção de políticas públicas de gênero e como canal de comercialização para a agricultura familiar. O estudo das feiras pode oferecer subsídios que qualificam a atuação do poder público, oferecendo dados relevantes sobre as suas dinâmicas de funcionamento, valorizando seu papel dentro das atividades econômicas.

Assim, conclui-se que o projeto é muito bom, viável, responde aos objetivos de sua criação, traz excelentes resultados quanto ao quesito sustentabilidade, em suas mais variadas dimensões.

## Referências

ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar predomina no Brasil. *Revista Com Ciência*, 10 de outubro de 2002.

ADS- Agencia de Desenvolvimento sustentável – **Relatório das feiras /2013**

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 3ª Ed. São Paulo. Perspectiva, 1992.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas**. São Paulo: Annablumme; Fortaleza: Secretaria de Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2011. 2ª Edição

FRAXE, Therezinha J.P., MEDEIROS, Carlos M. (orgs.) **Agroecologia, extensão rural e sustentabilidade na Amazônia**. Manaus, fundação Universidade do Amazonas, 2008.

GODOY, W. I. e ANJOS, F. S. **A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local**. Resumos do II Congresso Brasileiro de Agroecologia, Rev. Bras. Agroecologia, v.2, n.1, fev. 2007.

GUZMÁN, E. S.; MOLINA, M. G. **Sobre a evolução do conceito de campesinato**. Brasília: expressão popular, 2005.

IICA. <http://www.iicabr.iica.org.br/iica-no-brasil/> Acesso em 03.02.2015.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural I**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LIMA, Ana Maria de Farias. **Estatística Descritiva**. UFF. Centro de estudos gerais. Instituto de matemática departamento de estatística descritiva. 1994 .

NODA, Hiroshi. **Agricultura familiar na Amazônia, segurança alimentar e agroecologia**. [www.emater.pa.gov.br/EmaterPortal/downloads/./agriFamAmz.pdf](http://www.emater.pa.gov.br/EmaterPortal/downloads/./agriFamAmz.pdf), 2009.

NODA, Sandra do Nascimento. **Agricultura Familiar na Amazônia das Águas**. Manaus: Editora Edua, 2007.

ROMEIRO, Ademar Ribeiro. **Desenvolvimento sustentável: uma perspectiva econômico-ecológica. Estudos avançados**, São Paulo, v. 26, n. 74, 2012. Disponível em:< [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142012000100006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142012000100006)>. Acesso em: Dez 2013.

RIBEIRO, E. M., CASTRO, B. S.; SILVESTRE, L. H., CALIXTO, J. S.; ARAÚJO, D. P.; GALIZONI, F.M.; AYRES, E. B. Programa de apoio às feiras e à Agricultura Familiar no Jequitinhonha mineiro. **Agriculturas** - v. 2 – n. 2 - junho de 2005.

SILVESTRO, Milton Luiz (et.al.). **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: EPAGRI; Brasília: NEAD/Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.

WITKOSKI, Antônio Carlos. **Terra, Florestas e Águas de Trabalho**. Manaus: Edua, 2007.

<sup>i</sup> Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (Decreto Federal Nº6.040 de 7 de fevereiro de 2000). No Amazonas, os povos tradicionais habitantes das várzeas são chamados de ribeirinhos.

<sup>ii</sup> Algumas vezes, também será utilizado o termo “mulheres camponesas”, derivado de “camponês amazônico”, que segundo Witkoski (2010), a utilização da categoria camponesa é adequada e se aplica à produção familiar existente na várzea amazônica.

<sup>iii</sup> Amazônia ocidental: Composta pelos Estados do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima, a Amazônia Ocidental detém 42,97% da extensão territorial da Amazônia Legal e comporta aproximadamente 57% das florestas da região, o que a torna a parte mais preservada da Amazônia, além de ser um estoque de biodiversidade sem igual no planeta. Fonte: [www.suframa.gov.br](http://www.suframa.gov.br). acessado em 19.01.2015.